

**A ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO**

**LITERACY IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY
SCHOOL: A CASE STUDY**

**ALFABETIZACIÓN EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA
ESCUELA PRIMARIA: UN ESTUDIO DE CASO**

Maria Aparecida Vitoria Monteiro Batista¹
Arthur Cassio de Oliveira Vieira²

RESUMO

Este artigo tem como intuito analisar o contexto educacional de uma escola pública, no município de Timbaúba dos Batistas/RN, a única escola de ensino fundamental do município, sendo a respeito do processo de alfabetização dos alunos nos anos iniciais, buscando fazer uma investigação sobre os métodos utilizados pelas professoras, a abordagem de ensino delas em relação à alfabetização e letramento e aspectos do desenvolvimento dos alunos no que diz respeito ao processo de alfabetização. O estudo de caso foi de abordagem qualitativa, sendo seu instrumento de investigação uma entrevista aos professores do ciclo alfabetizador da escola. O estudo discute os conceitos de alfabetização e letramento dialogando com a autora Magda Soares (2004), a importância da formação continuada para professores dialogando com o autor Francisco Imbernón (2010) e um breve diálogo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) sobre os métodos de alfabetização e os níveis de desenvolvimento da alfabetização.

Palavras-chave: alfabetização, formação continuada, letramento, métodos de alfabetização.

ABSTRACT

This article aims to analyze the educational context of a public school, in the municipality of Timbaúba dos Batistas/RN, the only elementary school in the city, regarding the literacy process of students in the initial years, seeking to carry out an investigation into the methods used by teachers, the teaching approach of them in relation to literacy and literacy and aspects of student development with regard to the literacy process. The case study will have a qualitative approach, with its research instrument being an interview with teachers in the school's literacy cycle. The study discusses the concepts of literacy and literacy in dialogue with the author Magda Soares (2004), the importance of continued training for teachers in dialogue with the author Francisco Amberson (2010) and a brief dialogue with Emília Ferreiro and Ana Teberosky (1991) about the literacy methods and levels of literacy development.

1 Graduada do curso de Pedagogia, DEDUC/CERES/UFRN, <https://orcid.org/0009-0001-2145-4664>, maria.batista.711@ufrn.edu.br.

2 Doutor em Educação, UFRN, <https://orcid.org/0000-0002-2903-8534>, arthur_cassio@yahoo.com.br.

Keywords: continuing training, literacy, literacy, literacy methods.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el contexto educativo de una escuela pública, en el municipio de Timbaúba dos Batistas/RN, la única escuela primaria de la ciudad, en relación con el proceso de alfabetización de los estudiantes en los primeros años, buscando realizar una investigación sobre los métodos utilizados por los profesores, el enfoque de enseñanza de ellos en relación con la alfabetización y la alfabetización y aspectos del desarrollo estudiantil con respecto al proceso de alfabetización. El estudio de caso tendrá un enfoque cualitativo, siendo su instrumento de investigación la entrevista a docentes del ciclo de alfabetización de la escuela. El estudio analiza los conceptos de alfabetización y alfabetización en diálogo con la autora Magda Soares (2004), la importancia de la formación continua de los docentes en diálogo con el autor Francisco Imbernón (2010) y un breve diálogo con Emília Ferreiro y Ana Teberosky (1991). sobre los métodos de alfabetización y los niveles de desarrollo de la alfabetización

Palabras clave: alfabetización, alfabetización, formación continua, métodos de alfabetización

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental é uma fase de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo da criança. De acordo com a BNCC (2018, p. 89) “embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize.”. Contudo, em algumas realidades, especificamente no Brasil onde os índices de alunos alfabetizados neste período são cada vez menores, este processo se torna desafiador tanto para os professores quanto para os alunos, a desigualdade social e econômica, a falta de participação dos pais no ensino das crianças, a carência de formação continuada e a precariedade das escolas são fatores alarmantes que contribuem com esse quadro.

O presente estudo teve como objetivo compreender o contexto educacional dos anos iniciais da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo, no município de Timbaúba dos Batistas, região Seridó do Rio Grande do Norte e as narrativas dos professores deste ciclo sobre a perspectiva da alfabetização. A partir deste objetivo geral, buscou-se, especificamente: (i) Compreender quais métodos são utilizados para alfabetizar e como eles impactam diretamente na aprendizagem dos alunos; (ii) Analisar a relação método/formação/metodologia dos professores e o desdobramento desses aspectos no desenvolvimento dos alunos. De modo específico, as seguintes questões se fazem necessárias para compreensão destes aspectos: (i) Quais métodos os professores do ciclo



alfabetizador utilizam para alfabetizar? (ii) Qual a relação entre método, formação do professor e metodologia com o desenvolvimento da alfabetização dos alunos?

Portanto, a compreensão de aspectos como a análise da formação dos professores, os métodos utilizados para alfabetizar e os desafios que os professores alfabetizadores encontram nesse processo se faz fundamental para a contribuição em sua atuação. A partir desta investigação será possível analisar sua prática e identificar desafios e potencialidades para melhoria do processo de alfabetização. A relevância de tal pesquisa evidencia-se ainda mais ao sabermos que a Escola Municipal Paulino Batista de Araújo que fica localizada no município de Timbaúba dos Batistas é a única instituição de ensino fundamental da cidade.

A busca por compreender aspectos do processo de alfabetização na referida escola vai para além do que aqui está exposto, visto que os resultados da pesquisa servirão para reflexão e autoavaliação dos professores entrevistados, como também da gestão responsável pela escola.

É a possibilidade de refletir sobre o que pode ser feito para alinhar e amenizar os desafios encontrados neste processo, buscando estratégias e estudos em conjunto que sirvam para contribuição em sua atuação como professor, como também para os alunos da escola no que diz respeito ao processo de alfabetização.

Na seguinte seção deste trabalho estarão expostos os aspectos metodológicos da pesquisa e uma discussão com os conceitos de alfabetização e letramento dialogando com a autora Magda Soares (2004). Logo após, será discutida a relevância da formação continuada dos professores alfabetizadores em diálogo com Francisco Imbernón (2010) e, por fim, uma análise dos métodos utilizados para alfabetizar pelas professoras entrevistadas, análise dos índices de alunos alfabetizados e letrados nos anos iniciais da referida escola e os níveis de desenvolvimento da alfabetização dos alunos em diálogo com os conceitos de Ferreiro e Teberosky (1991).

METODOLOGIA

Metodologicamente, esta pesquisa está caracterizada como um estudo de caso. Para Gil (1946, p.54) o estudo de caso “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Essa metodologia permite o estudo e a análise de um grupo, levando em consideração as particularidades.

O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, tendo em vista a compressão das narrativas dos professores entrevistados e as informações obtidas através da pesquisa. A pesquisa, quanto aos objetivos, pode ser caracterizada como descritiva já que visa descrever e identificar aspectos metodológicos no processo de alfabetizações utilizadas pelos professores entrevistados e analisar a formação deles. Para Gil (1946, p.42) “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O estudo de caso teve como instrumento de coleta uma entrevista semiestruturada que foi direcionada aos professores dos anos iniciais e um formulário online. A Escola Municipal Paulino Batista de Araújo fica localizada na cidade de Timbaúba dos Batistas/RN, segundo o censo populacional IBGE de 2022 a cidade possui 2336 habitantes. A instituição é pública e possui uma boa infraestrutura com salas grandes, climatizadas, oferta de merenda escolar de qualidade e espaço amplo para recreação dos alunos.

As entrevistas contaram com a participação de duas professoras. A primeira, que será intitulada por professora “A”, atua no primeiro ano dos anos iniciais, possui formação em pedagogia e especialização em psicopedagogia, ocupa o cargo por meio de processo seletivo, formada há 2 anos e possui 1 ano e meio de atuação. A segunda, aqui identificada como professora “B”, atua no segundo ano dos anos iniciais, formada em pedagogia, especialista em educação especial e inclusiva e mestre em ciências da educação, é formada há 15 anos, atuando em sala há 13 anos e é efetiva do quadro de professores.

A escolha das professoras foi motivada por ambas serem as únicas professoras do ciclo alfabetizador das turmas do 1º e 2º ano. Outro aspecto relevante para essa escolha é a relação de continuidade e progressividade da aprendizagem ao avançar de uma turma para outra.

ALFABETIZAÇÃO OU LETRAMENTO?

Ao discutir sobre alfabetização e letramento, é necessário compreender quais características os diferenciam. Soares (1998, p. 39-40), conceitua a alfabetização como o processo da aprendizagem do sistema de escrita alfabética, para ela, “alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever”.



Já em relação ao conceito de letramento, Soares (1998, p. 40), afirma que:

O indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e escrita, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. (1998, p.40)

Partindo do princípio sobre o modo como a alfabetização e o letramento foram denominados no Brasil, como explicita Magda Soares, o pensamento acerca desses dois conceitos foi associado como um só. Porém, em países europeus, como a França, por exemplo, foram pensados de forma dissociada. Segundo Soares (2004, p. 7):

Assim, ao contrário do que ocorre em países do Primeiro Mundo, como exemplificado com França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita – a alfabetização, para usar a palavra brasileira – mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de letramento –, no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem. (Soares, 2004, p.7)

Tendo em vista esses aspectos, é possível fazer uma reflexão de como esses dois conceitos são compreendidos na educação brasileira. Soares (2004) constata que a visão acerca da alfabetização acabou sendo menosprezada, em detrimento da supervalorização do conceito de letramento, o que pode ser um fator relevante para a atual situação da educação brasileira.

Outro aspecto diz respeito ao esquecimento da alfabetização, já que ao debater sobre métodos para alfabetizar, os profissionais geralmente compreendem que tais métodos são tidos como “tradicionais”, apegando-se a uma teoria de ensino e não mais a um método. Sendo assim, educadores promovem a valorização do letramento das crianças, colocando-o como superior à alfabetização. Todavia, ambos aspectos devem caminhar juntos para o desenvolvimento pleno da criança enquanto ser social e alfabetizado. Para Soares (2004, p. 14):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (Soares,2004, p.14)

Para que se estabeleça uma relação entre alfabetização e letramento na prática docente é necessário também que o professor tenha a noção de analisar e respeitar os



conhecimentos prévios dos alunos que são adquiridos antes mesmo de entrarem em sala de aula. Muitos desses conhecimentos já são sinais de letramento da criança, ou seja, por mais que não saibam ler e escrever, conseguem desenvolver práticas sociais envolvendo leitura e escrita. Para Tfouni, Assolini e Pereira (2019, p.14):

Esta perspectiva de letramento, por sua vez, poderia contribuir com os professores no sentido de levá-los a compreender que, embora o educando não saiba ler e escrever, não pode ser rotulado de iletrado e analfabeto. Essa teoria, que nos permite falar em graus ou níveis de letramento, oferece recursos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não sejam sustentadas pela ilusão de homogeneidade, ou seja, a de que os estudantes chegariam à escola sem conhecimento algum, devendo aprender os mesmos conteúdos em tempos iguais e chegar ao término do ano letivo com os mesmos saberes. (Tfouni, Assolini e Pereira, 2019, p.14)

Tendo em vista o exposto, um ponto a ser pensado em relação ao processo de alfabetização das crianças são os métodos/ metodologias que estão sendo utilizados pelos professores em sala de aula. Considerando-se o contexto educacional moderno, por que ainda há equívocos acerca de como trabalhar com os alunos, principalmente, sobre a forma como alfabetizar?

Todos os aspectos aqui abordados estão ligados, principalmente, a uma figura que é responsável por mediar essas práticas educativas: o professor. O papel do professor é fundamental para o processo da alfabetização, sendo ele o articulador deste processo. Logo, ter um profissional com potencialidades para alfabetizar é necessário para o alcance de resultados positivos. Sendo assim, a seleção de professores especializados na área pode ser um fator que contribua com esse processo, daí surge a ideia da formação continuada e sua importância para o profissional da educação e os alunos.

A FORMAÇÃO CONTINUADA

O cenário da educação sem dúvidas já evoluiu bastante ao longo dos anos. Por volta das décadas de 1980, 1990 e 2000 os governos apresentaram esforços para formação de professores. Isto se deu, sobretudo, por meio de programas de formação continuada, tais como o programa Proformação (1999), que foi destinado a professores que estavam atuando na rede pública de ensino. O programa foi implementado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com secretarias estaduais e municipais de educação. No entanto, muitas vezes essas formações se deram de maneira aligeirada a





fim de suprir as demandas da atual sociedade. Estas eram direcionadas, sobretudo, a profissionais que já estavam atuando nas escolas públicas e que não tinham formação inicial suficiente para atuação. Assim iniciou-se a institucionalização da formação continuada.

Conforme o Parecer CNE/CP n. 9 (2001, p. 11):

[...] a formação de professores como preparação profissional passa a ter um papel crucial no atual contexto, agora para possibilitar que possam experimentar, em seu próprio processo de aprendizagem, o desenvolvimento de competências necessárias para atuar nesse novo cenário, reconhecendo-a como parte de uma trajetória de formação permanente ao longo da vida. (Brasil, 2001, p. 11)

A compreensão do parecer nos leva a interpretação de que os sistemas anteriores não davam conta das necessidades educacionais do novo século. De acordo com Imbernón (2010, p. 22):

Nesse contexto surge a crise institucional da formação. Como se considera o sistema educacional do século passado obsoleto, sente-se a necessidade de uma nova forma de ver a educação, a formação e o papel dos professores e dos alunos. Uma longa pausa é aberta, na qual estamos instalados, onde alguns se sentem incômodos. Esse desconforto conduz à busca de novos horizontes, de novas alternativas. Assim, antigas e novas vozes começam a superar sua afonia para narrar o que sabem sobre o ensino e a formação. (Imbernón, 2010, p. 22)

Diante dos avanços tecnológicos, mudanças da sociedade e novas demandas educacionais, é notória a importância da formação continuada para professores. Com isso, tornou-se necessária uma atualização constante do conhecimento pedagógico para professores e a continuidade dela através de formações especializadas. Contudo, para que essa formação seja eficaz no melhoramento de sua atuação, é necessário que o próprio professor se incline na curiosidade e na inquietação de uma mudança positiva em sua formação, compreendendo apenas como uma obrigatoriedade.

Como ressalta Imbernón (2010, p. 32):

Somente quando os professores constatam que o novo programa formativo ou as possíveis mudanças que a prática oferece repercutirão na aprendizagem de seus alunos, mudarão suas crenças e atitudes de maneira significativa, supondo um benefício para os estudantes e para a atividade docente. É quando a formação será vista como um benefício individual e coletivo, e não como uma "agressão" externa ou uma atividade supérflua. (Imbernón, 2010, p. 32)

Outro ponto a se pensar sobre a formação continuada de professores é a qualidade do conhecimento que essa formação oferece aos profissionais da educação, como argumenta Imbernón (2010, p. 40):

Atualmente, são programados e ministrados muitos cursos de formação, mas também é evidente que há pouca inovação ou, ao menos, essa não é proporcional à formação que existe. Talvez um dos motivos seja o predomínio ainda da formação de caráter transmissor, com a supremacia de uma teoria que é passada de forma descontextualizada, distante dos problemas práticos dos professores e de seu contexto, baseada em um professor ideal que tem uma problemática sempre comum, embora se saiba que tudo isso não existe. (Imbernón, 2010, p. 40)

Trazendo o debate para atualidade, no Brasil, com a definição das Diretrizes Curriculares Nacionais em 2015, novas medidas para a formação continuada foram implementadas através da resolução CNE/CP nº 2, de 01 de julho de 2015. De acordo com Bazzo, Silva e Pereira (2024), com a revogação da resolução em 2019, a resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 trouxe embates para o cenário da formação de professores. Para Bazzo, Silva e Pereira (2024, p.6), “Um dos problemas desta Resolução de 2019 é a vinculação direta do currículo de formação dos professores e dos profissionais da educação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”.

Desse modo, inserir um contexto de formação para professores pautados em um documento, cuja centralidade é direcionada através de competências e habilidades, ataca diretamente o sentido da autonomia pedagógica e de práticas pedagógicas libertadoras e progressistas. Nesse sentido, “ignora-se a educação como formação humana e estabelece as diretrizes para a formação do/a trabalhador/a para o mercado de trabalho” (Bazzo, Silva e Pereira, 2024, p.7).

Logo, não somente é necessário ter uma formação continuada. É preciso que essa formação seja contextualizada e traga além de mudanças teóricas, mudanças práticas e inovadoras para a formação docente, pautadas na autonomia e inovação das práticas pedagógicas. Assim como, uma formação que seja de qualidade e de confiabilidade, para que as práticas pedagógicas sejam transformadoras na vida social e educacional dos alunos.

ANÁLISE DE DADOS



Na busca de compreender aspectos do contexto educacional dos anos iniciais (1º e 2º ano) da Escola Municipal Paulino Batista de Araújo na perspectiva do processo de alfabetização, buscou-se analisar dados obtidos através de uma entrevista com as professoras implicadas diretamente nesse processo. Com o intuito de investigar os métodos de alfabetização utilizados pelas docentes, foram coletados os seguintes resultados:

A professora “A” respondeu que utiliza apenas um método para alfabetizar (o método alfabético), que está na classe dos métodos sintéticos. Já a professora “B”, respondeu que além do método alfabético, utilizado pela professora “A”, utiliza também outros métodos, sendo esses métodos da classe dos métodos sintéticos como também dos métodos analíticos. Os métodos listados pela professora “B” são: método alfabético (ou soletração), método fônico, método silábico, palavração, setenciação e método global.

A característica principal que diferencia tais métodos são a forma como são trabalhados. Para Ferreiro e Teberosky (1991, p. 18) “os métodos sintéticos partem de elementos menores que a palavra”, ou seja, seguem em uma compreensão das partes para o todo. Já os “métodos analíticos, partem da palavra ou de unidades maiores”, ou seja, segue uma lógica da compreensão do todo para as partes. É necessário compreender que nenhum método é melhor ou mais eficaz que o outro, pois ambos os métodos possuem potencialidades e aspectos a melhorar. A questão válida a se pensar é como esses métodos são trabalhados e para qual finalidade.

É de suma importância que os professores entendam que a alfabetização tem relevância não só para o contexto escolar do aluno. Para Soares (2016, p. 29), a função da alfabetização está ligada ao menos a três facetas: a faceta linguística, a faceta interativa e a faceta sociocultural. A autora afirma que:

[...] se se põe o foco na faceta linguística, o objeto de conhecimento é a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e das convenções da escrita, objeto que demanda processos cognitivos e linguísticos específicos e, portanto, desenvolvimento de estratégias específicas de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino – neste livro, a alfabetização. Se se põe o foco na faceta interativa, o objeto são as habilidades de compreensão e produção de textos, objeto que requer outros e diferentes processos cognitivos e linguísticos e outras e diferentes estratégias de aprendizagem e de ensino. Finalmente, se se põe o foco na faceta sociocultural, o objeto são os eventos sociais e culturais que envolvem a escrita, objeto que implica conhecimentos, habilidades e atitudes específicos que promovam inserção adequada nesses eventos, isto é, em diferentes situações e contextos de uso da escrita.(Soares,2016,p.29)

Os quadros abaixo mostram as fases do processo de alfabetização em que se encontram os alunos das referidas turmas:

Quadro 1: Nível de desenvolvimento dos alunos do 1º ano

Nível de Desenvolvimento	Número de alunos
Pré silábica	6
Silábica - Sem valor sonoro	1
Silábica - Com valor sonoro	3
Silábica alfabética	5
Alfabética	5
TOTAL DE ALUNOS	20

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2: Nível de desenvolvimento dos alunos do 2º ano

Nível de Desenvolvimento	Número de alunos
Pré silábica	1
Silábica- Sem valor sonoro	2
Silábica- Com valor sonoro	2
Silábica alfabética	5
Ortográfica	5
TOTAL DE ALUNOS	15

Fonte: Dados da pesquisa

As fases listadas acima são essenciais para o processo de compreensão da leitura e da escrita. Toda criança deve passar por essas fases e cabe ao professor identificar e trabalhar com os alunos as particularidades que cada fase traz.

Ferreiro e Teberosky (1991), definiram no livro *Psicogênese da Língua Escrita*: cinco níveis de aprendizagem, sendo esses: nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético e ortográfico.



O nível pré-silábico refere-se a um estágio inicial no processo de alfabetização, caracterizado pela exploração gráfica da escrita, ainda sem uma relação entre letras e sons. Para Ferreiro e Teberosky (1991, p. 189) “neste nível a leitura do escrito é sempre global e as relações entre as partes e o todo estão muito longe de serem analisáveis: assim, cada letra vale pelo todo”.

O nível silábico é a etapa em que a criança começa a fazer relação entre os sons da fala e da escrita. Para Ferreiro e Teberosky (1991, p. 189) “Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes) deve haver uma diferença objetiva nas escritas. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima à das letras.”

O nível Silábico-alfabético é o início da associação entre sons e letras. Segundo Ferreiro e Teberosky (1991, p. 193) “Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita [...] cada letra vale por uma sílaba.”

O nível alfabético é a progressão do nível anterior, onde a criança passa por um conflito entre os dois níveis. Ferreiro e Teberosky (1991, p.196) argumenta que,

“a criança [...] descobre a necessidade de fazer uma análise que vá "mais além" da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança). (Ferreiro; Teberosky, 1991, p. 196)

Por fim, o nível ortográfico, como define Ferreiro e Teberosky (1991, p. 213):

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a "barreira do código"; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito. (Ferreiro; Teberosky, 1991, p. 213)

Analisando os dados obtidos acima se pode destacar que o processo de alfabetização se encontra linear na referida escola, visto que, os níveis de alfabetização dos alunos ao chegarem ao fim do ciclo alfabetizador (2º ano) avançam progressivamente em relação ao início desse ciclo (1º ano).

Ao fazer uma relação entre método e nível de alfabetização dos alunos, pode-se constatar que, apesar de as duas professoras trabalharem com métodos distintos (como



visto no gráfico 1), ambas conseguem possibilitar a alfabetização dos alunos. Esse fato se justifica pela forma como ambas trabalham em relação a sua metodologia de ensino. Durante as entrevistas, as duas professoras ressaltaram que trabalham de forma lúdica e ao questioná-las sobre a perspectiva na qual elas trabalhavam em relação ao processo de alfabetização e letramento, obteve-se as seguintes respostas:

PROFESSORA "A"

"Procuro sempre estar alinhando a alfabetização e o letramento".

PROFESSORA "B"

"Trabalho os dois de forma indissociável".

Analisando suas narrativas e os dados obtidos, pode-se interpretar que a prática docente das professoras está sendo bem executada e tendo linearidade no processo de alfabetização. No entanto, pode-se identificar que ao fim do ciclo alfabetizador apenas uma parte dos alunos encontra-se no nível ortográfico.

O nível ortográfico é o nível mais próximo da alfabetização, porém, não significa que os alunos que estão em níveis anteriores da alfabetização não estejam, de certa forma, letrados. Por mais que o indivíduo letrado utilize as habilidades de leitura e escrita para ocupar essa condição, somente esse aspecto da alfabetização (ler e escrever) não é suficiente. Soares (1998, p. 47) afirma que:

Uma criança pode ainda não ser alfabetizada, mas ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma um livro e finge que está lendo (e aqui de novo é interessante observar que, quando finge ler, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da narrativa escrita), toma papel e lápis e "escreve" uma carta, uma história.[...] Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido: tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama - é alfabetizada, mas não é letrada. (Soares, 1998, p.47)

Logo, para fazer uma definição acerca dos alunos letrados é necessária uma análise mais minuciosa envolvendo os alunos. Para Soares (1998, p. 112):

Avaliar e medir o letramento é uma tarefa altamente complexa e difícil: ela exige uma definição precisa de letramento, indispensável como parâmetro para a avaliação e a medida, mas qualquer tentativa de resposta a essa exigência traz sérios problemas epistemológicos. Concluiu-se que o letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de

leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade. (Soares, 1998, p. 112)

Ao fazer relação com a formação das professoras, como já citado, a professora “A” é formada em pedagogia e possui uma especialização em psicopedagogia. Já a professora “B” é também formada em pedagogia, possui especialização em educação especial e inclusiva e mestre em ciências da educação.

Embora as duas tenham a formação inicial em pedagogia, a formação continuada de ambas não está voltada para o processo de alfabetização. Isso não significa que ambas não tenham capacidade para alfabetizar. Porém, visto os dados coletados em relação a alfabetização dos alunos, menos de 50% concluem o ciclo alfabetizador na condição de alfabetizado. Esse fato, poderia ser diminuído se as professoras tivessem formações continuadas no campo da alfabetização.

É necessário ressaltar que o processo de alfabetização não somente cabe às professoras. É necessário a participação e compromisso de toda comunidade escolar, incluindo os pais dos alunos. Durante as entrevistas, as professoras relataram que o principal desafio é a falta de participação e interesse dos pais dos alunos para com a educação deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito a compreensão de aspectos sobre o processo de alfabetização, de uma escola específica, em relação ao ciclo alfabetizador. A pesquisa utilizou de dados coletados diretamente pelas professoras dos anos iniciais, entrevista e questionário on-line para a discussão dos aspectos da alfabetização e letramento, como os métodos utilizados para ensino, níveis de alfabetização dos alunos, perspectiva das professoras em relação à alfabetização e letramento e a formação de continuada das docentes.

O estudo buscou evidenciar, especificamente, (i) Os métodos que as professoras do ciclo alfabetizador utilizam para alfabetizar e (ii) a relação entre método, formação do professor e metodologia com o desenvolvimento da alfabetização dos alunos.

Ao realizar as investigações, o trabalho revelou que por mais que os métodos para alfabetizar que as professoras utilizam sejam de natureza distintas, ambas



conseguem de certa forma manter a linearidade desse processo, porém, a quantidade de alunos alfabetizados ao fim do ciclo alfabetizador é menor que a metade do total de alunos, ou seja, um número ainda muito abaixo do ideal conforme as orientações da BNCC.

Em relação a formação das professoras, foi constatado que, ambas não possuem formação continuada na área da alfabetização, esse fato não aponta que as docentes não sejam competentes para alfabetizar, porém, se houvesse uma formação mais específica na área provavelmente os resultados da alfabetização seriam mais satisfatórios. É fato que as professoras são uma peça fundamental nesse processo, todavia, toda comunidade escolar deve ter empenho no processo de aprendizagem dos alunos. Um desafio identificado foi a falta de participação dos pais dos alunos nesse processo

Por fim, cabe ressaltar que o estudo se aprofundou, sobretudo, na perspectiva do processo de alfabetização dos estudantes. Dessa forma, cabe em uma futura investigação desenvolver um estudo de forma mais minuciosa sobre a esfera do letramento, que como visto anteriormente, é um campo complexo e que precisa de uma visão mais aprofundada para ser investigado.

REFERÊNCIAS

BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; JORGE DA SILVA, Rosimeri; RODRIGUES PEREIRA, Lara. **didática, pedagogia e formação de educadores: projetos em disputa ou esperando godot**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 10, p. 92–105, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.76709. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/76709>. Acesso em: 4 jan. 2025.

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 9/2001. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Documento Aprovado em 08/05/2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>. Acesso em 24 out. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 jul. 2015. Seção 1, p. 8-12. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-cp-2015>. Acesso em: 04 jan. 2025.



BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 2/2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Conselho nacional de Educação, Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, pp. 46-49. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-cp-2019> . Acesso em: 04 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proformação: Programa de Formação de Professores em Exercício**. Brasília: MEC/SEED, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 24 out. 2024.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1991.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, 12.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo: Autores Associados, v.25, 2004. p. 5-17.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TFOUNI, Leda Verdiani; ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva & PEREIRA, Anderson de Carvalho. **Letramento: é possível uma escrita despida da oralidade?** Pro-Posições, 2019; 30 e20180023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0023> . Acesso em: 04 jan. 2025.

Submetido em: 12/12/2024

Aceito em: 01/01/2025